

O USO DE FILMES EM SALA DE AULA: AS MÍDIAS COMO METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR

Andrea Kochhann¹

Ana Paula Arantes²

Gilmagda de Paula³

Kamilla Fagundes⁴

Resumo: O objetivo maior desse trabalho é discutir como um filme pode ser utilizado na sala de aula para proporcionar momentos de discussão teórica, elaboração própria, aprendizagem significativa e criticidade. Pensar no cinema ou desenhos infantis como ferramenta de ensinagem, pressupõe um professor que seja um espectador lúcido, para poder utilizar em sala de aula a metodologia fílmica, tendo um olhar crítico e reflexivo. Esta utilização é uma característica que marca o perfil de um professor holístico e não tradicional. Usar um filme em sala de aula deve ser para reflexão, crítica, debate e avaliação. Para usá-lo adequadamente os filmes em salas de aula é necessário um planejamento. Nesse contexto a discussão se torna importante.

Palavras-chave: Mídias Educacionais. Uso de filmes em sala de aula. Aprendizagem crítica e contextualizada.

Abstract: The main objective of this work is to discuss how a film can be used in the classroom to provide moments of theoretical discussion, own development, meaningful learning and critical. Think of the movies or children's drawings as a teaching and learning tool, requires a teacher who is a lucid spectator before you can use in the classroom filmic methodology, taking a critical and reflective look. This use is a characteristic that marks the profile of a holistic and alternative teacher. Use a film in the classroom should be for reflection, criticism, debate and evaluation. To use it properly films in classrooms planning is required. In this context the discussion becomes important.

Keywords: Educational Media. Use of film in the classroom. Critical and contextualized learning.

¹ Professora Efetiva Dedicção Exclusiva da Universidade Estadual de Goiás.

² Acadêmica do 4º ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luis de Montes Belos. Bolsista PBIC/UEG.

³ Acadêmica do 2º ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luis de Montes Belos. Bolsista PBIC/UEG.

⁴ Acadêmica do 1º ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luis de Montes Belos. Bolsista PVIC/UEG.

Introdução

Este artigo é reflexo das atividades dos projetos de pesquisa “Aprendizagem Significativa e a Filosofia como contribuição para a construção da autonomia”, “O estilo de aprendizagem e a aprendizagem significativa: uma experiência no Ensino Superior” e do projeto de extensão “Cinema e Educação: uma experiência crítica em sala de aula”, desenvolvidas pelo GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.

Discutir sobre o uso de filmes e desenhos infantis para a formação crítica das crianças se torna um ponto importante na formação didática dos professores. Muitos professores preocupados em dinamizar suas aulas podem valer-se dessa metodologia. Mas, para isso necessitam se preocupar com alguns elementos essenciais em seu planejamento.

Não somente o uso de filmes e desenhos infantis deve ser preocupação do planejamento dos professores, mas de todos os níveis e modalidades de ensino. No Ensino Superior, a metodologia do uso de filmes em sala de aula pode favorecer o crescimento teórico. Os acadêmicos da modalidade de aprendizagem visual conseguem apreender mais conhecimentos com a utilização de imagens. Neste contexto, o professor precisa realizar um planejamento que possibilite a discussão de conteúdos com base nas cenas dos filmes.

Independente se o filme for utilizado para a Educação Básica ou para o Ensino Superior, o papel do professor é de extrema relevância para proporcionar aos alunos condições de analisar o filme com os olhos críticos, relacionando as cenas com a realidade e com os conteúdos a serem discutidos e, posteriormente, a serem avaliados. Nesse viés, o uso de filmes em sala de aula é produtivo e não mera embromação de aula.

O Uso de Filmes e Desenhos Infantis: uma possibilidade na Educação Infantil e Ensino Fundamental

Os filmes podem gerar nas crianças desde muito cedo um pensamento e uma visão crítica. Os mesmos não trazem somente divertimento ou para entreter, mas para que se possa associá-los com a realidade. E, esse é um papel importante da escola. Ela deve gerar no aluno desde cedo um olhar crítico, um conceito, uma percepção sobre os fatos da sociedade e com eles um aprendizado, relacionando assim a ficção com a realidade.

É importante que o aluno comece a perceber nos filmes e nos desenhos as histórias neles encontrados e como se relacionam com a realidade dessas crianças. É papel do professor

possibilitar que o aluno ainda criança reconheça a importância de conhecer e aprender através dos filmes ou desenhos, de uma forma clara e significativa.

As crianças usam filmes, desenhos como forma de retirar vivências de suas próprias experiências e é nesse contexto que os professores devem evidenciar o que tem de melhor nesses conteúdos levando assim a estabelecer uma ponte real da ficção com a realidade, como afirma Távola (1998, p. 48) “crianças efetivamente se prendem a cenas que descrevam processos nos quais podem participar.”.

No filme “Madagascar” (2005), por exemplo, são quatro animais: um leão, uma zebra, uma hipopótamo e uma girafa. Os quatro são totalmente diferentes. Sendo que um é alto, o outro é grande, um é mais rápido e o outro mais esperto, mas isso não os atrapalha e nem os impede de serem amigos. Assim pode-se trabalhar com as crianças, de que realmente existem diferenças, mas elas não são importantes a ponto de impedir que haja convivência ou amizade. Em *Aviões Dusty*, o personagem principal faz uma corrida pelos ares ao redor do mundo, mostrando assim diversas culturas e etnias diferentes. Nesta animação, as crianças têm acesso a diversos países, regiões e povos de uma forma lúdica e divertida.

No desenho da “Peppa”, do Discovery Kids, apresenta a história de uma família, em que o pai é grande e desajeitado e a mãe é centrada, mas é a que sempre toma as decisões. A porquinha é egoísta e sempre melhor em tudo. O irmãozinho é “birrento” e não aceita um não como resposta. É possível, com este filme, analisar quais valores são colocados para as crianças. Neste caso, o professor pode referenciar o comportamento errado dos personagens para as crianças, levando as crianças a terem um olhar de criticidade em relação ao que lhe oferecido.

No filme “A Era do Gelo” (2001), mostra diferentes fases do contexto social dos bichos. Também, se encontra um “bando diferente”, que é descrito pelos animais no filme, que são um bicho preguiça, um tigre e um mamute. Esses personagens têm diferenças de objetivo de vida, de família e de amizade, totalmente diferente um dos outros. Essas diferenças fazem com que o bando não conviva bem no início. Mas, isso é mudado no decorrer da história, a partir do momento que eles se conhecem melhor e percebem que as diferenças sociais, culturais não atrapalham o convívio dos mesmos. Nota-se, também, que é possível transcender as diferenças e conviver, e quão importante a amizade pode ser.

O filme “Frozen” (2014), por exemplo, levanta muito a questão do relacionamento familiar entre irmãos e a importância desse relacionamento na vida do ser humano. Nota-se pelo relacionamento das personagens principais: as duas irmãs a Elza e Ana. Ele, também,

aponta como a aparência pode atrapalhar o juízo de valor de uma pessoa em relação a outra que é percebido nos personagens Hans e Kristof.

Também, outra produção cinematográfica conhecida é o “Carros” (2006), na qual o personagem principal, MacQueen, se depara com uma cidadezinha formada por grandes amigos e ele por ser solitário, “mas que tem tudo”, tem grande dificuldade de fazer amigos. Nesta animação, é importante ressaltar o valor da amizade para as crianças, podendo ser trabalhado em sala de aula com pinturas de tarefas, exposição de obra de arte de massinhas de modelar. Para crianças que já escrevem pode ser feito uma redação ou um teatro.

De acordo com Tassara (1998) enquanto as crianças aprendem a apreender o mundo são capazes de se posicionar e intervir socialmente no meio que vive. Elas são capazes de expressar por meio da fala no contexto social sobre determinado assunto, de uma forma precisa e única. Segundo Rezende (1998) não há como negar que os filmes, desenhos e tudo que é exposto na televisão têm poder de gerar nas crianças uma visão de construção do mundo, mas tal não pode ser apreendida fora do seu contexto social.

Observando notícias que acontecem no mundo através da televisão, elas conseguem se manifestar com uma criticidade muito peculiar a sua idade, demonstrando assim por suas falas um entendimento histórico sobre o que puderam absorver, como constata em Tassara (1998). As crianças recebem grande influência do que assistem, procurando assim sempre imitar personagens favoritos ou alguma passagem na televisão que as marcaram, sejam filmes, desenhos ou outros. Por isso, é necessário, que o governo, os pais e os professores levem em consideração essa percepção e trabalhem para que elas tenham acesso somente à programação de filmes, desenhos e outros, que sejam para a sua faixa etária, como se averigua em Carmona (1998).

Nesse contexto, apresenta-se a importância de se conhecer o filme ou desenhos, antes de serem exibidos às crianças. O professor necessita compreender o filme, seu tema, os personagens, o enredo, os valores por ele atribuído, a faixa etária para qual o filme é destinado e isso é obtido através de uma análise completa do mesmo. Isso implica em um bom e detalhado planejamento. Além de planejar as atividades para envolver as crianças na discussão sobre o tema.

Na prática, o uso de filmes ou desenhos em sala de aula, pode-se levar as crianças a fazer essa relação com a realidade, através de perguntas, questionamentos e ou atividades variadas sobre os filmes assistidos. O professor deve usar o filme ou desenho como fonte de socialização e de atividade avaliativa. Dependendo da idade das crianças o professor pode

planejar um debate, um júri simulado, um teatro ou esquetes, uma paródia, elaboração de poesias e declamações, concurso de redação, painel com recortes de revistas e exposição, pintura com tinta guache, painel pintado, tarefinhas de colorir ou correlacionar a imagem do filme ou desenho com as palavras, criação com massinha de modelar e exposição dos trabalhos.

A programação que as crianças são submetidas deve ser usada para o desenvolvimento do seu imaginário e não somente para divertir e brincar. Levando, assim, as crianças a apreenderem e a pensar por si próprio sobre o que estão assistindo. Formando assim desde pequenos cidadãos que pensam, refletem e analisam por si só, respeitando a criança como ser pensante e a leitura que a mesma faz do mundo, como esclarece Dürst (1998). Neste contexto, infere-se que o ato de filosofar se faz presente.

O Uso de Filmes em Sala de Aula: as mídias como metodologia da produção do conhecimento no Ensino Médio e Superior

Com o mundo globalizado e tecnológico, torna-se improvável encontrar indivíduos que não tenham se deparado com produções fílmicas diversas. A exibição delas é cada dia mais facilitado, através da televisão e da internet e até mesmo pelo cinema. É muito comum as pessoas irem ao cinema. Porém, nem todos pensam criticamente acerca de como, o porquê e pra que tais produções foram preparadas e quais influências esses filmes afetam os pensamentos dos seus espectadores e, como podem ser utilizados em sala de aula.

Desta forma, pode-se refletir que tanto a televisão como o cinema em si, são produtores de verdades ilusórias, que devem ser vistas criticamente pelos seus espectadores. E reportando esse pensamento para o âmbito educacional, tanto a televisão quanto as produções cinematográficas, devem ser refletidas pelos educadores e educandos no propósito de pensar no que se expõe e no que não se expõe, ou seja, ter uma postura crítica diante destas produções. Afinal, a televisão e o cinema são aparelhos de propagação de ideologias.

Os filmes, também, veiculam outros valores mais claramente perceptíveis como violência, justiça com as próprias mãos, sensualidade, imoralidade, vingança e outros. Muitas vezes preconceitos são passados sem que se perceba, como por exemplo, o preconceito contra homossexuais, racial, de classe ou religioso. Além de texto e contexto pedagógico que o filme apresenta, olhar crítico do professor e do aluno deve estar atento às mazelas sociais, econômicas, políticas, morais e religiosas, que podem estar implícitas ou explícitas no filme.

Pensar no cinema como ferramenta de ensinagem, pressupõe um professor que seja um espectador lúcido, para poder utilizar em sala de aula a metodologia fílmica, tendo um

olhar crítico e reflexivo. Esta utilização é uma característica que marca o perfil de um professor holístico. O professor holístico busca trabalhar de forma diferenciada com seus alunos, sempre com novas atividades para instigar o seu conhecimento e a aprendizagem.

De acordo com Demo (2004), o processo de educar, se dá de dentro para fora, conforme o filósofo Sócrates, quando dizia que um estímulo do professor é necessário para gerar uma emancipação dos alunos. Isso pode ser observado na postura do professor holístico. Ao assumir essa postura o professor terá mais trabalho, pois esse profissional lida com o domínio teórico, a criatividade, o dinamismo, a disposição e muito planejamento. Esses conceitos são apontados por Pierre Weill, Marylun Ferguson e Costa Neto (2003).

Outrora diziam que o uso de filmes na sala de aula era somente para embromar tempo. Mas, felizmente podemos afirmar que não é isso. Utilizando o filme como método de ensino, o mesmo poderá proporcionar ao professor uma aproximação otimizada com seus alunos. O filme contendo a linguagem cinematográfica pode até se tornar complexa. Contudo, misturando emoção, desafio, suspense, mistério, movimento, indignação, ação, música, superação, lição de vida e entre outros quesitos; pode se chegar ao ponto almejado - a aprendizagem pelo filme.

Da mesma forma, o uso de filme também trará trabalho ao professor pois, não deve ser um preenchimento de brechas ou de método para proporcionar um “descanso” para o professor. Afinal, não se deve passar um filme qualquer em sala de aula. Eis o papel do professor em ser “lúcido” ao pensar em qual filme passar, o que será refletido no filme e quais os conhecimentos que os alunos já têm ou que deverão alcançar do conteúdo analisado no filme, buscando uma experiência crítica e a elaboração com as próprias mãos, com base na modalidade visual de aprendizagem que Santos (2009) apresenta.

Para trabalhar a modalidade visual é preciso dispor-se de recursos que valorize a visão, como por exemplo, sequência lógica de imagens; demonstrações; cópias de notas; destaque de ideias em textos com canetas “luminosas”; fichas de anotações; código de cores; diagramas, fotografias, gráficos e mapas; vídeos e filmes; mapas mentais e abreviaturas. Essa modalidade pode ser percebida nos discursos de Sartori (*apud* KOCHHANN, 2010, p. 150) quando afirma que o homem evoluiu de sapiens para videns, pois,

[...] o homo sapiens se caracteriza pela capacidade simbólica, pela capacidade de imaginação, de reflexão, de utilizar conceitos para pensar. O homo sapiens é capaz de se comunicar com os seres humanos por meio da linguagem, utilizando signos e significados. É também capaz de raciocinar sobre si próprio. No homo videns, predomina o ver sobre o falar, a imagem

sobre a escrita. Para ele, as coisas representadas por meio de imagens contam mais do que as coisas ditas por palavras. Ou seja, a primazia da imagem põe em segundo plano a leitura, a escrita.

O filme pode ter um conteúdo que desperta nos jovens a curiosidade. Sendo assim, os filmes se tornam um aproveitamento significativo no processo educativo de cada um. Pois, ao aprender assistir o filme com um olhar crítico, o aluno compreende a metodologia e, passa a ver, ouvir e relacionar as cenas do filme com a sua realidade. Com o uso de filmes nas salas de aulas pode-se inferir que há uma melhora no desenvolvimento e na compreensão do aprendizado dos alunos, reafirmando o conhecimento já existente e afirmando novos conhecimentos.

Os conhecimentos que os alunos já têm são conhecidos na teoria da aprendizagem significativa como subsunçores ou conhecimentos prévios. A aplicação de filmes em sala de aula em busca de uma experiência crítica pode possibilitar a aprendizagem significativa. David Ausubel defende a aprendizagem significativa, como sendo, um artifício de interação, entre as informações oriundas do processo de ensinagem e os conhecimentos já existentes na estrutura cognitiva do aluno, podendo a última, ser chamado de subsunçores ou ideias-âncoras.

Também é necessário deixar clara a importância e o que se pretende com filme para instigar o interesse do na busca pela compreensão dos temas e relacionar com as teorias estudadas. Bem como orientando análises, elevando a autoestima do aluno, mostrando que o aluno é capaz e evitando imposições exageradas. Pois, ninguém sente prazer no que é obrigado. Cunha e Sobral (2014, p. 43) asseveram que “a possibilidade de utilização do cinema, na sala de aula, tem qualidades para propiciar prazer integrando-o ao processo de ensino e aprendizagem”. Mets (2010) diz que o cinema estabelece uma sensação às pessoas, fazendo com que elas sentem-se como se estivessem assistindo diretamente a um espetáculo quase real, pois era como se vissem a própria realidade.

Para usar os filmes em salas de aula, adequadamente, é necessário um planejamento. Por exemplo, o professor assistir o filme com antecedência, marcar as partes mais eminentes, os elementos ou as cenas que exemplifiquem e vivenciam o conteúdo pedagógico proposto e entre outros. Incentivar os alunos a olharem a ficha técnica, a trilha sonora, atores, atrizes, diretor, ano de lançamento, entre outros requisitos é de suma importância para compreender melhor o que o filme transmite.

Nessa ótica, é papel do professor escolher suas metodologias em consonância com o objetivo do conteúdo teórico que se deseja trabalhar. E, Kochhann (2010, p. 148) assevera que

“o papel do professor deverá ser o de mediador do conhecimento, instigando os alunos no que se refere à construção do saber, dando abertura para que possam construir seus próprios conhecimentos, valendo-se das mídias como meio para a aprendizagem”. Isso dependerá do planejamento do professor.

Sobre o uso de filmes em sala de aula, Cunha e Sobral (2014, p. 39) reafirmam que “o papel do professor é fundamental para que esse acesso possa ser transformado em algo que possa enriquecer intelectualmente o aprendiz”. Nesta linha, Silva (*apud* CUNHA; SOBRAL, 2014, p. 39) afirma que,

o professor, como um dos grandes mediadores do conhecimento, precisa compreender a dimensão de sua responsabilidade ao veicular, com palavras, imagens e gestos, assim, trazer para a sala de aula discussões de filmes, propagandas, e-mails e outras fontes de comunicação audiovisual, o que pode ser mais um recurso para articular a ação pedagógica, o conteúdo e os novos apontamentos cognitivos.

O docente, primeiramente, deve ter claro o objetivo teórico que deseja alcançar. Depois deve assistir o filme para ver se consegue alcançar o objetivo pretendido. Em seguida a organização dos questionamentos que os alunos devem buscar ao assistir o filme. É interessante que o docente apresente aos discentes a resenha indicativa do filme e os questionamentos principais que devem compreender ao longo do filme para posteriormente o debate.

Assistir a um filme se torna interessante como forma de introduzir um conceito novo ou para finalizar um conteúdo. A dimensão da análise do filme deverá ser de acordo com a sua propositura. Se o filme é para introduzir um conteúdo é interessante que o professor indique o que analisar. Se o filme é para finalizar um conteúdo é interessante que o professor deixe livre os questionamentos para ver o que os alunos conseguem captar do filme e relacionar com a teoria. Mas, o professor precisa selecionar algumas cenas do filme e discutir na sala. A liberdade é no sentido de ver a grandiosidade de informações que os discentes conseguem obter. Caso não obtenham, ou seja, pequena a relação, algo está estranho.

O docente pode elaborar mesa redonda, palestra ou minicurso para discussão após o filme. Pode elaborar situações-problemas para o debate. Pode solicitar resumos expandidos ou ensaios teóricos sobre as temáticas do filme. Enfim, o processo de avaliação do filme pode ser de acordo com a intenção do docente. O que não pode ocorrer é a omissão do debate e da avaliação. Desta forma, seria uma metodologia vazia. Pensar no uso de filmes em sala de aula pode ser uma estratégia didática de qualidade e, que pode promover a aprendizagem significativa.

Considerações Finais

As reflexões aqui apresentadas foram com a intenção de inquietar os leitores no sentido do uso de filmes na sala de aula. Pode ser usada como metodologia para a utilização do cinema na educação, ficando a critério do professor a forma de trabalhar. O professor que apresenta uma postura holística e queira valer-se dessa metodologia pode trabalhar de acordo com as suas necessidades, de forma que venha favorecer a discussão dos conteúdos estudados.

O professor deve compreender que trabalhar com filmes tem sim aspectos positivos, mas também negativos. É importante que fique claro ao docente que o trabalho com filmes é complexo, contraditório e, também, problemático. Ele exige do professor grande capacidade de interpretação, de reflexão e de interação com os alunos.

Encerramos aqui nossas linhas com os apontamentos e reflexões sobre a postura docente mediante o uso de filmes. Esperamos que o modelo do paradigma holístico alicerce a postura didática docente e vislumbre uma aprendizagem significativa em que o aluno seja o produtor do seu conhecimento.

Referências

ALEGRO, Regina Célia. **Conhecimento Prévio e Aprendizagem Significativa de Conceitos Históricos no Ensino Médio**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” no ano de 2008. Marília – São Paulo, 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BERNARDET, Jean-Claude. **O Que é Cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Zaia (Org.). **A Crise dos Paradigmas e a Educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CARMONA, Beth. Emissão Consciente e Recepção Crítica. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.

COSTA NETO, Antônio da. **Paradigmas em Educação no Novo Milênio**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2003.

CUNHA, Ariana dos Santos; SOBRAL, Osvaldo José. Cinema e Educação no Ensino Superior. *In*: REIS, Marlene Barbosa de Freitas (Org.). **Docência Universitária: práticas interdisciplinares no Ensino Superior**. Anápolis, GO: UEG, 2014.

DÜRST, Walter George. Especialização da TV/Especialização do Sentido. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KOCHHANN, Andréa. A Mediação Pedagógica e a Identidade Docente: contribuições do paradigma holístico e das mídias, em especial o computador e a internet. *In*: TOSCHI, Mirza Seabra (Org.). **Leitura na Tela: da mesmice à inovação**. Goiânia, PUC-GO: 2010.

_____; MORAES, Ândrea Carla. **Manual Didático-Pedagógico da Aprendizagem Significativa de David Paul Ausubel**. Anápolis, GO: Universidade Estadual de Goiás, 2012.

_____. **Aprendizagem Significativa na Perspectiva de David Ausubel**. Anápolis, GO: UEG, 2014.

MARCONDES, Danilo. A Crise de Paradigmas e o Surgimento da Modernidade. *In*: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A Crise dos Paradigmas e Educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

METZ, Christian. **A Significação no Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. **A Teoria da Aprendizagem Significativa e sua Implementação em Sala de Aula**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

MOREIRA, Marco Antonio; MASSINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

PACHECO, Elza Dias. Infância, Cotidiano e Imaginário no Terceiro Milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.

PÉREZ, Juan Fernando Bou. **Coaching Para Docentes: motivar para o sucesso**. São Paulo: Porto, 2009.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. Televisão: babá eletrônica? *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.

SANTOS, J. C. F. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

TASSARA, Helena. As Crianças, a Televisão e a Morte de um Ídolo: Ayrton Senna. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.

TÁVOLA, Arthur da. TV, Criança e Imaginário. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.

VERDE, Cláudia Dalla. Ficção e Encantamento Televisivo. *In*: PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas. SP: Papyrus, 1998.